



Proponente: Maria Beatriz Martins Linhares

Área da Psicologia: Psicologia do Desenvolvimento

Título da Proposta: DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS: INDICADORES E PROCESSOS ENVOLVIDOS EM CONDIÇÕES DE RISCO E PROTEÇÃO

Justificativa: O presente simpósio reúne três pesquisadoras da área de Psicologia do Desenvolvimento e Saúde e da Criança, que são docentes de universidades públicas com atuação em programas da saúde e vinculação com hospitais universitários, que coordenam pesquisas e orientam alunos de pós-graduação e que integram o Grupo de Trabalho da ANPEPP na área de Psicologia Pediátrica. Neste simpósio será tratado o tema Desenvolvimento de crianças: indicadores e processos envolvidos em condições de risco e proteção. O objetivo do simpósio consiste em apresentar resultados de pesquisas sobre crianças em desenvolvimento e seus contextos, focalizando os seguintes tópicos: processos autorregulação, temperamento e comportamento em crianças em condição de risco biológico e psicossocial; indicadores de temperamento da criança e dinâmica do relacionamento conjugal dos pais; o papel de crianças pequenas nas interações com as mães e a relação com o desenvolvimento. Destacam-se, portanto, as contribuições do modelo de autorregulação na trajetória do desenvolvimento, que compreende os processos que modulam a reatividade dos indivíduos a mudanças no ambiente interno e externo, como proposto por diferentes autores, a saber: Sameroff, Rothbart, Posner, Calkins e Fox. A reatividade, assim como a regulação do indivíduo, pode ser verificada nas alterações fisiológicas, emocionais e comportamentais das crianças. Por outro lado, as relações da criança com o meio permitem que se estabeleçam as coregulações advindas das interações do indivíduo com os contextos em que a criança se insere. O modelo de autorregulação desenvolvimental refere-se a uma organização hierárquica e integrativa dos sistemas fisiológico, emocional, cognitivo e comportamental. Apresenta uma grande evolução nos primeiros anos de vida, destacando-se a regulação fisiológica na fase neonatal, a regulação emocional nos dois primeiros anos, a regulação da atenção a partir do segundo ano e culminando com a regulação comportamental na fase pré-escolar. No simpósio serão apresentadas evidências empíricas deste modelo na compreensão do desenvolvimento de crianças em condição de risco biológico e psicossocial. Paralelamente, o estudo do temperamento da criança na associação com as relações dos pais avança na compreensão da bidirecionalidade entre a pessoa e os seus contextos de desenvolvimento. A compreensão dos processos desenvolvimentais avança com a literatura sobre temperamento, que trata das diferenças constitucionais na reatividade e autorregulação do indivíduo, de acordo com a abordagem de Mary Rothbart. O aspecto constitucional é definido como a composição relativamente biológica do indivíduo influenciada pela hereditariedade, maturação e experiência. A reatividade é definida como a reação biocomportamental do indivíduo a mudanças no ambiente, que envolve os sistemas somático, endócrino e nervoso autônomo. A autorregulação, por sua vez, compreende os processos que modulam a reatividade. O ambiente pode influenciar a capacidade de autorregulação dos indivíduos. Por outro lado, também avança quando são estudadas as características pessoais associadas ao estudo da dinâmica das relações conjugais e nas interações mãe e filhos, que fazem parte do contexto proximal de desenvolvimento das crianças. Focalizar o papel ativo das crianças nas interações e a associação com o seu desenvolvimento permite melhorar a compreensão sobre a qualificação da mediação materna no microcontexto das regulações desenvolvimentais. As pesquisas que serão apresentadas no Simpósio foram conduzidas com instrumentos e procedimentos validados para os constructos estudados (reatividade, temperamento, comportamento, desenvolvimento) e procedimentos adequados para obtenção de evidências

empíricas sobre os temas estudados. O conhecimento produzido permitiu avanços na área da Psicologia do Desenvolvimento com desdobramentos práticos. Destaca-se que os grupos da USP/RP, UFSC e UNESP/Botucatu têm contribuído ao longo dos anos com estudos sobre riscos biológicos, psicológicos e sociais no desenvolvimento infantil, interação mãe-criança e o papel do pai no desenvolvimento e saúde das crianças. Estes grupos de pesquisadoras são os únicos no Brasil até o presente que têm estudado o temperamento de crianças na abordagem de Mary Rothbart, que é a mais pesquisada na literatura internacional atual sobre o tema.

Coordenador: Maria Beatriz Martins Linhares

O MODELO DE AUTORREGULAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS EM CONDIÇÃO DE RISCO: EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS SOBRE REGULAÇÃO FISIOLÓGICA, EMOCIONAL E COMPORTAMENTAL. Maria Beatriz Martins Linhares, Beatriz Oliveira Valeri**, Luciana Cosentino Rocha**, Vivian Caroline Klein, Fabíola A. N. A de Carvalho ** (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).

O modelo de autorregulação na trajetória do desenvolvimento compreende os processos que modulam a reatividade dos indivíduos a mudanças no ambiente interno e externo, como proposto por diferentes autores (Sameroff, Rothbart, Posner, Calkins e Fox). A reatividade, assim como a regulação do indivíduo, pode ser verificada nas alterações fisiológicas, emocionais e comportamentais. Por outro lado, as relações entre a criança e o meio permitem que as coregulações se estabeleçam, as quais são advindas das interações proximais do indivíduo com o microcontexto em que a criança se insere. O modelo de autorregulação desenvolvimental se refere a uma organização hierárquica e integrativa dos sistemas fisiológico, emocional, cognitivo e comportamental. Apresenta uma grande evolução nos primeiros anos de idade, destacando-se a regulação fisiológica na fase neonatal, a regulação emocional nos dois primeiros anos, a regulação da atenção a partir do segundo ano e culminando com a regulação comportamental na fase pré-escolar. Nesta fase, os esquemas afetivos e cognitivos internalizados facilitam os processos de autorregulação, que são moderadores de funções executivas e comportamentos adaptativos. No presente simpósio serão apresentados os resultados de quatro estudos interrelacionados sobre o desenvolvimento de bebês nascidos pré-termo (< 37 semanas de idade gestacional) e muito baixo peso (<1.500g), em diferentes momentos de sua trajetória de desenvolvimento, os quais analisaram indicadores e processos de reatividade e regulação desenvolvimental. Na fase neonatal, o primeiro estudo teve por objetivo avaliar a reatividade e recuperação fisiológica e comportamental de bebês pré-termo a um procedimento doloroso de rotina no tratamento intensivo dispensado nas primeiras semanas após o nascimento. Os resultados mostraram que os bebês nascidos pré-termo, independentemente do nível de gravidade clínica neonatal, reagiram à dor e posteriormente se recuperaram, a fim de obter a regulação fisiológica em meio à adversidade. Na fase de 2-3 anos, um segundo estudo examinou a reatividade-regulação à dor observada na fase neonatal como variável preditora do temperamento em fase posterior. Entre os principais resultados, foi verificado que a maior reatividade e a maior dificuldade de regulação fisiológica (batimento cardíaco) na fase neonatal estiveram associadas à maior afetividade negativa e impulsividade na fase de 2-3 anos. Na fase pré-escolar, por sua vez, quando comparados com um grupo de bebês nascidos a termo, os bebês nascidos pré-termo mostraram indicadores de problema de comportamento, especialmente nos sistemas de atenção; este achado tem associação significativa com risco para transtornos de atenção e problemas de aprendizagem na fase escolar. Os resultados dos estudos serão discutidos à luz do modelo de regulação desenvolvimental e da Psicopatologia do Desenvolvimento. Serão também considerados os desdobramentos práticos para programas

de follow-up de prematuros, focalizando estratégias de prevenção de problemas de desenvolvimento em crianças nascidas pré-termo.

Bolsa de Produtividade CNPq- 1A (MBMLinhares)

** Bolsa de Doutorado FAPESP (BOValeri); Bolsa de Mestrado CAPES (LCRocha)

Palavras-chave: Reatividade-Regulação; Temperamento; Comportamento

P

Código da área da Psicologia: DES

2º Apresentador: Maria Aparecida Crepaldi

TEMPERAMENTO DE CRIANÇAS COM IDADE ENTRE QUATRO E SEIS ANOS E RELACIONAMENTO CONJUGAL DE SEUS PAIS. Maria Aparecida Crepaldi (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC), Beatriz Schmidt** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC).

Esta pesquisa teve por objetivo verificar a relação entre temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos e relacionamento conjugal de seus pais. Define-se temperamento como diferenças individuais com base constitucional na reatividade e na autorregulação, observadas nos domínios de emocionalidade, atividade motora e atenção, influenciadas ao longo do tempo pela hereditariedade, maturação e experiência. Assim, concebe-se que o temperamento é passível de transformação ao longo do processo desenvolvimental. Dessa forma, é possível pensar que as relações estabelecidas no contexto familiar são capazes de provocar influências sobre o temperamento, sendo os pais uma importante variável no desenvolvimento das disposições temperamentais de seus filhos. Do mesmo modo, o temperamento dos filhos interfere nas interações conjugais, haja vista a bidirecionalidade das relações entre pais-crianças. Com o objetivo de atender ao objetivo proposto (qual seja, o de verificar a relação entre temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos e relacionamento conjugal de seus pais), a pesquisa abrangeu uma amostra composta por 104 famílias biparentais residentes em quatro municípios do estado de Santa Catarina. Os seguintes instrumentos foram aplicados ao pai e à mãe das crianças focais: Questionário sobre Relacionamento Conjugal (QRC), Questionário Floreal e Children's Behavior Questionnaire (CBQ). Os dados obtidos foram compilados e tabulados em uma planilha do programa informático Statistical Package for Social Sciences (SPSS). Por meio da análise quantitativa dos dados, constatou-se que: a) a relação de casal dos participantes se caracterizou, em média, pela harmonia conjugal, sendo que os membros da díade consideram o seu relacionamento marital satisfatório e pouco conflituoso; b) quanto ao temperamento infantil, o fator controle com esforço foi o que recebeu os maiores escores médios, de acordo com as respostas de pai e de mãe; c) identificou-se relações entre os fatores do temperamento da criança, notadamente o afeto negativo, e o relacionamento conjugal dos pais, especialmente nas variáveis ligadas à qualidade do relacionamento conjugal, ao conflito conjugal, à reciprocidade negativa e à evitação. Há indicativos de que quanto maiores são as reações de raiva, desconforto, tristeza, medo e baixa capacidade de se acalmar dos filhos (reações concernentes ao fator afeto negativo do temperamento), também mais o relacionamento de casal é caracterizado por interações conflitivas ($p < 0,01$), evitação ($p < 0,05$) e reciprocidade negativa ($p < 0,01$). Os resultados apontam para o fato de que as relações conjugais e o temperamento das crianças afetam-se reciprocamente. Destaca-se, assim, a importância de se considerar a bidirecionalidade das relações entre pais e filhos em intervenções profissionais e em programas de promoção de desenvolvimento saudável de crianças e de famílias.

**Bolsa de Mestrado CAPES (BSchmidt).

Palavras-chave: Temperamento; Desenvolvimento Infantil; Relações Conjugais.

M

Código da área da Psicologia: DES

3º Apresentador: Gimol Benzaquen Perosa

O PAPEL DE CRIANÇAS DE UM ANO NA INTERAÇÃO MÃE-FILHO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Gimol Benzaquen Perosa, Debora Gerardo Ribeiro** e Flavia Helena Pereira Padovani (Faculdade de Medicina de Botucatu-UNESP-SP).

Uma das prioridades do atual modelo de saúde brasileiro, especificamente na atenção primária, é de detectar problemas no processo evolutivo de crianças que vivem em ambientes desfavorecidos, identificar fatores de risco e proteção, visando aliviar e neutralizar efeitos das adversidades e criar ações promotoras do desenvolvimento. A literatura tem apontado vários fatores de risco para o desenvolvimento dessas crianças como estimulação inadequada, conflitos e violência familiar, problemas de saúde mental e pouca escolaridade do cuidador, entre outros. Paralelamente, identificou-se que o comportamento da mãe, quando exerce uma função moderadora, desempenha um papel de proteção, ou seja, alivia ou neutraliza a ação do risco. Estudos mais recentes, tendo em vista o caráter bidirecional da relação mãe/filho e o papel regulador dos parceiros da diáde têm apontado algumas características interativas como desejáveis e necessárias, para assegurar um bom desenvolvimento. Grande parte deles centrou-se na responsividade materna, apesar de fortes evidências que, desde o início do desenvolvimento, a criança tem uma participação ativa na relação. Nesse sentido, o presente estudo pretendeu analisar o papel de várias características interativas da relação mãe-filho, de um ponto de vista bidirecional, no desenvolvimento neuropsicomotor de 65 crianças com um ano de idade, moradoras de bairros periféricos. Para avaliar o desenvolvimento neuropsicomotor utilizou-se o teste de Triagem de Desenvolvimento DENVER-II. Um episódio interativo, de aproximadamente 7 minutos, da mãe brincando com o filho, foi gravado e avaliado segundo o Protocolo de Avaliação da Interação Diádica, por dois observadores independentes. Os resultados mostraram que as crianças eram saudáveis: todas nasceram a termo, 80% de parto normal e 92,3% tiveram alta junto com a mãe. Não tiveram nenhuma intercorrência grave no primeiro ano de vida, 89,2% foram amamentadas no peito e a mediana do tempo de desmame foi de 8,5 meses. Apesar disso, 43,1% das crianças estavam em risco para o seu desenvolvimento global, sendo a área mais afetada a linguagem (24%). No episódio interativo, observou-se alta correlação entre comportamentos da mãe e da criança: mães mais sensíveis, estimuladoras e positivamente afetivas tinham filhos mais envolvidos na brincadeira, interativos e positivamente afetivos. Ao relacionar as diferentes categorias de comportamentos interativos, da mãe e da criança, com o desenvolvimento neuropsicomotor, observou-se que os comportamentos maternos de pouca estimulação cognitiva, desengajamento e intrusividade tiveram uma associação estatisticamente significativa com risco para o desenvolvimento. Com relação aos comportamentos da criança, as mais envolvidas durante a interação apresentaram menor risco para o desenvolvimento global. Na análise multivariada o único preditor de risco foi estimulação cognitiva; mães com baixa estimulação cognitiva tinham 3,83 vezes mais chance de ter filhos com risco para o desenvolvimento. Nesta apresentação, além de discutir o papel da mediação materna, pretende-se dar atenção especial ao papel regulador e ativo do comportamento da criança na interação que, nesta pesquisa e em outros estudos do grupo, vem mostrando importante papel no fluxo interativo, com repercussões no desenvolvimento infantil.



Bolsa de Mestrado CAPES (DGRibeiro)

Palavras-chave: Interação mãe-filho; Desenvolvimento Infantil; Fator de proteção.

M

Código da área da psicologia: DES